

A REESCRITA DE TEXTOS NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES E INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Maria Aparecida Pacheco Gusmão,
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB

rio de janeiro, 1º de júlio de 2009.

hemengarda, minha frô.

é com o coração trerpassado de sardade que eu te escrevo estas martraçadas
linhas. Suncê nem imagina o que é vive na cidade grande, no meio da fumacêra,
dos carro pegano a gente. Um corre, corre dos diabo, ninguém pára pruma
prosinha, nem isquenta ninhum lugá.
se Deus quisé, hemengarda, no natá eu vorto pro cê. Vamo subi na invernada, oiá
os passarinho. Ai que tristeza essa terra, onde nem tem curió.
suncê deve ta bunita, vestidinha de chita estampada, as trança vuano ao vento.
hemengarda, minha frô, minha minina, tô sofreno do coração. Não, num é duença
de peitio, é vontade de vê suncê e tamém a famia toda.
dê um beijo no pai e na mãe. Peça ao cumpade Tonhão pra oiá minhas prantação.
do teu sincero amô,

Mané Bento

Introdução

Este trabalho, em desenvolvimento, faz parte da pesquisa “Escrita e reescrita de textos no ensino básico: relação dialógica e interativa”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação, GPLeD, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Tomemos o texto em epígrafe, embora de autoria desconhecida, ao iniciarmos um diálogo sobre o processo da escrita e reescrita textual e a intervenção didática do professor para promover a aprendizagem e a superação dos problemas apresentados pelos alunos.

Existe uma beleza sem igual na carta de Mané Bento. Essa reflete um discurso permeado da oralidade local da zona rural. À primeira leitura parece-nos bastante evidente as intenções de Mané Bento ao escrever uma carta para sua amada: manifestar a sua imensa saudade. Ele, como um homem apaixonado vence as barreiras da linguagem escrita para expressar as suas emoções ao sentir-se longe de Hermengarda, da terra natal, da sua família, das suas criações... Não é nossa intenção fazer uma análise dessa carta. Apenas a tomamos como ponto de partida para refletirmos sobre o processo de escrita.

Um texto como esse ao chegar à sala de aula possibilita ações didáticas diversas, mas com certeza, uma delas não deve ser transformá-la em objeto de correção para que não se perca elementos essenciais no processo da escrita: originalidade, espontaneidade e, nesse caso específico, o sentimentalismo, a emoção que o escritor quer deixar transparecer.

Vejamos agora um outro texto:

Sertão, argúem te cantô,
 Eu sempre tenho cantado
 E ainda cantando tô,
 Pruquê, meu torrão amado,
 Munto te prezo, te quero
 E vejo qui os teus mistero
 Ninguém sabe decifrá.
 A tua beleza é tanta,
 Qui o poeta canta, canta,
 E inda fica o qui cantá.
 Patativa do Assaré (Eu e o Sertão)

Consagrado poeta popular, compositor, repentista e improvisador, Patativa do Assaré de forma simples, mas versátil consegue registrar em seus poemas toda a riqueza da oralidade da linguagem regional do sertão nordestino. Seus cordéis tematizam dificuldades e desigualdades do Nordeste, os conflitos de terra, religiosidade e misticismo do homem sertanejo, portanto, eminentemente sociais.

Tomar um texto como esse para atividades cujo objetivo seja de “passá-lo a limpo com correção gramatical” como propõem alguns livros didáticos seria uma mera atividade de descaracterização do social, de desconstrução da obra, prática tradicional de ensino que concebe a intervenção didática como sinônimo de correção de erros ortográficos e gramaticais (CALIL, 2000).

Isto posto, traçamos como objetivos desse trabalho:

- a) Promover uma reflexão sobre o ensino/aprendizagem do processo da escrita de texto nos anos intermediários do ensino fundamental
- b) Analisar numa perspectiva interacionista e dialógica da linguagem dois textos de alunos do sétimo ano de ensino fundamental
- c) Apresentar propostas de intervenção didática para os textos em análise, de modo a assegurar algumas aprendizagens necessárias à formação de um escritor proficiente.

Refletindo sobre o ensino/aprendizagem da produção textual

Optamos por utilizar textos dos alunos, em sala de aula, como objeto sobre o qual os alunos podem pensar com intuito de melhorá-lo na perspectiva interacionista e dialógica.

Apresentaremos dois textos de alunos do 7º ano do ensino fundamental, estudantes da escola pública que prescindem de uma revisão linguística, para discutirmos o processo de reescrita de textos. Estes textos foram escritos em uma situação corriqueira em sala de aula e fazem parte do acervo de nossa pesquisa, mencionada anteriormente. Não iremos identificar os alunos para resguardar suas identidades.

Texto 1

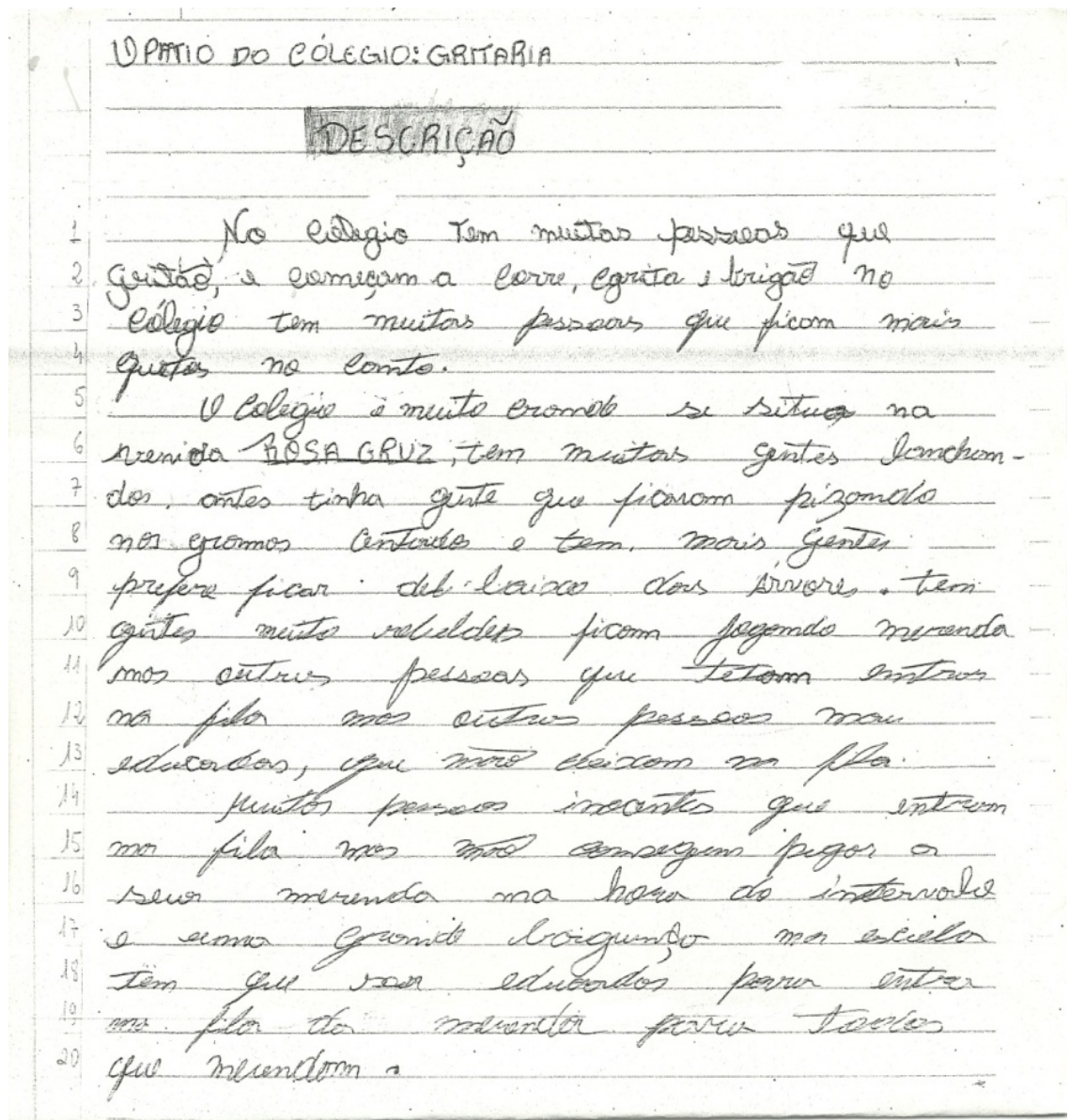
A natureza

1 A natureza é necessária pra nos
 2 sa vida. Com ela nos não pode viver.
 3 O homem precisa da natureza pra
 4 respirar.
 5 As plantas dá fruto pra nosso
 6 alimento as flores embeleza a nossa
 7 casa e os jardins por causa disso
 8 devemos cuidar bñ delas porque
 9 elas é importante pra nos.
 10 Sempre que homem derruba uma
 11 árvore ele o causa-o um mau
 12 bñ grande pra todos nos.
 13 Devemos cuidar bñ da nature-
 14 za porque a natureza faz agente
 15 viver bñ.

FIM

Fonte: Acervo pessoal do banco de textos da pesquisa "Escrita e reescrita de textos no ensino básico: relação dialógica e interativa"

Texto 2



Fonte: Acervo pessoal do banco de textos da pesquisa "Escrita e reescrita de textos no ensino básico: relação dialógica e interativa"

Em relação aos dois textos, em um primeiro olhar poderíamos apontar, equivocadamente, o texto "A natureza", como um pouco mais adequado do ponto de vista linguístico. Mas, antes de fazermos uma análise comparativa desses textos explicitemos as concepções que fundamentam e direcionam o nosso trabalho.

O trabalho de produção de textos como processo interlocutivo, em sala de aula é norteado pela concepção interacionista/dialógica da linguagem. Esta defende que a linguagem é uma atividade, que tem como foco ações partilhadas, dinamismo na construção do conhecimento e a produção de sentidos, emitindo opiniões, discordando, concordando por meio da língua em uso.

A fundamentação teórica deste trabalho está baseada, nas contribuições dos estudos de Bakhtin (2003;2004), Vygotsky (1989;1998) e Geraldi (1984;1997) que concebem a linguagem como um trabalho de construção que se processa na interação, na dialogia, na mediação do outro.

O linguista Geraldi, um dos primeiros autores a apresentar uma proposta metodológica dessa concepção de linguagem, adota o texto como a unidade linguística básica do ensino, o uso da escrita em práticas sociais e destaca que o primeiro aspecto linguístico a ser considerado diz respeito *às condições para a produção de um texto*. Nesse sentido, esse autor evidencia a compreensão do aluno como locutor, numa relação interlocutiva em que são fornecidas a ele as condições necessárias à produção de um texto. Ele as propõe:

- a) que se tenha o que dizer;
 - b) que se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
 - c) que se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
 - d) que o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
 - e) que se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).
- (GERALDI, 1997, p. 137).

A primeira condição diz respeito às experiências vivenciadas pelo autor, estabelecendo relações através do confronto com vários pontos de vista. A segunda, *a razão para o seu dizer*, ressalta a função social da escrita, isso implica escrever para uma sociedade letrada sem artificialismos e com objetivos pré-definidos. *Se ter para quem dizer* admite que a produção precisa ter um destinatário, a existência de interlocutores com diferentes papéis sociais com diferentes propósitos e também um destino portanto levar a público os textos através de exposição nos murais, de publicações de livros, apresentação em jornais, etc. garantirá a existência de. O locutor deve levar em consideração o seu interlocutor, tanto no que se refere à imagem que tem dele, quanto à construção do seu discurso, empenhando-se para que seja compreendido num contexto concreto, preciso e, conseqüentemente, atinja o objetivo pretendido. Se o escritor tem algo a dizer precisa selecionar as *estratégias* do seu dizer (quinta condição para a efetivação da produção de textos) e essa seleção ocorre em função do que vai ser dito bem como da situação e do interlocutor, os quais determinarão o grau de formalidade, os recursos expressivos e o tipo de texto. Convém lembrar que essas condições de produção estão interligadas, ocorrendo simultaneamente em um mesmo texto, uma auxiliando, complementando a outra.

Vejamos essas condições, embora não exaustiva, nos textos em estudo.

No primeiro texto “A natureza”, o autor se limita a apresentar frases justapostas em todo o texto: “A natureza é necessária para a vida”; “Com ela nós não podemos viver”; “o homem precisa da natureza para respirar” etc. O seu dizer é uma junção de frases artificiais, estereotipadas, provavelmente ouvidas no meio escolar e/ou lidas em livros didáticos para o próprio professor, seu único leitor, que irá ler o seu texto e encontrar nele as frases ditas e/ou lidas durante as aulas frequentadas por esse aluno. A intenção, portanto, é devolver as formas cristalizadas do dizer ou dizer o que a escola quer que seja dito e não o que se quer. Provavelmente a artificialidade dessa situação é percebida pelo aluno como meio para obtenção de uma nota ou alguns pontos a mais no critério avaliação. O que implica a redução das possibilidades do aluno exercer uma interferência ativa, criativa, com dinamismo. Partindo dessas constatações não observamos neste texto, a existência das condições de produção linguística, sugerida por Geraldi. Sem dúvida, este fato tem estreita relação com outra afirmação desse autor, da qual compartilho: “(...) o desempenho linguístico na modalidade escrita revela um processo de desaparecimento da autoria à medida que a escolaridade avança” (GERALDI, in: ZACCUR, 1999, p. 134-135).

Já o discurso do autor do texto número 2, “O pátio do colégio: gritaria” trata-se do relato de uma série de fatos que ocorrem no colégio onde estuda com o firme propósito de fazer uma denúncia desses fatos: “gente que fica pisando nas gramas”, “gente rebelde”, “gente que joga merenda nos outros, e gente que tenta entrar na fila, mas não consegue, culminando em um desabafo: “o intervalo é uma bagunça”. No final faz também um apelo: que os alunos sejam educados para que todos merendem. E, embora sua escrita seja para o(a) professor(a), seu interlocutor no momento de produção, seu dizer ultrapassa os limites da sala de aula, chegando, quiçá, na direção e conseqüentemente, a toda a comunidade escolar. Isto posto é oportuno lembrar o posicionamento de Garcez (1998, p. 60) de que

O texto do aprendiz (...) está imerso numa rede de outros textos de seu próprio ambiente escolar e mantém com eles (...) relações dialógicas. Todo o esforço pedagógico escolar na produção de textos deveria ser orientado na direção dessas articulações mais amplas dessas discussões ideológicas em grande escala, com todos os recursos enunciativos que exigem.

Tanto no primeiro texto, como no segundo, os autores se expressam e constroem discursos numa determinada interação discursiva. No primeiro o dizer do aluno é a reprodução do dizer do outro e no segundo há uma situação concreta de produção discursiva, ou seja, o aluno vivencia a linguagem como produtor (denunciando um fato) e como interlocutor que interage, emite opiniões, discorda, enfim, dialoga por meio da língua.

Quanto aos *aspectos ortográficos* encontramos no texto “A natureza” algumas palavras escritas inadequadamente. São elas: “neççaria”, “pra”, “Cem”, “preciza”, “respirá” “cauza”, “bei” e “agente”. Em relação aos erros de *concordância verbal* encontramos: “Cem ela nos não pode viver”, “As plantas dá fruto”, “As fores embeleza a nossa casa” e “... porque elas é importante para nós”. A *colocação pronominal* está inadequada: “ele o causa-o”. E também omissões de acentuação em “neççaria” (necessária), “nos” (nós) e “arvore” (árvore) no texto número um. Também há uma palavra com acentuação inadequada “bêi” (bem) e uma sem a devida acentuação “necessária”. Há ainda troca de “mal” por “mau”.

No texto intitulado “O pátio do colégio: gritaria” também encontramos palavras escritas inadequadamente do ponto de vista ortográfico: “gritão” (gritam), “corre” (correr), “egrita” (e gritar), “brigão” (brigam), “quetas”, “camto”, “crande” (grande), “pizando”, “gromos” (gramas), “centados”, “del baixo” (debaixo), “tetam” (tentam), “emtrar”. Há alguns erros de pontuação, principalmente omissão do ponto continuativo em todos os parágrafos. O autor também parece ter dúvidas em relação à concordância nominal e verbal no uso da palavra “gente”, pois grafa a concordância da seguinte forma: “muitas gentes”, “gente que ficaram”, “mais gentes”, “tem gentes muito rebeldes”, etc.

Ambos os textos oferecem referenciais para o encaminhamento do trabalho pedagógico. A leitura atenciosa do texto é imprescindível para realização de modificações necessárias – a reescrita. Professor e colegas, interlocutores do aluno, autor do texto, devem interferir na produção, questionando, sugerindo, apontando novos caminhos. As operações linguísticas de acréscimo, supressão, deslocamento e substituição de elementos do texto, conforme Geraldí (1997) podem ser feitas através da mediação do professor já que todo texto é passível de modificações, pois é resultado de um processo.

Nesse sentido colabora Colello (2007, p. 78):

Mais do que condição à existência do texto, a presença do outro tem também fortes implicações no desenvolvimento, criação, correção e ajustamento da escrita. Isso, porque, ao longo do processo de escrever, a interlocução real ou sugestionada com o outro fará o autor refletir sobre o seu texto sob diversas óticas ou possibilidades do dizer. Em função do interlocutor, o sujeito que escreve é obrigado a reconsiderar posições, exemplifica-las, relativizá-las.

A partir dessa discussão inicial, questionamos: Quais as atividades possíveis em sala de aula para uma intervenção didático-pedagógica acerca de textos dessa natureza? Quais as práticas que se engendram a partir deles (dos textos)? É o que veremos no próximo segmento.

Intervenção didática para a reescrita de textos em sala de aula

A reescrita de texto é o procedimento essencial para a apropriação da língua padrão. Ela é textualmente indicada pelos PCNs de Língua Portuguesa do 3º e 4º ciclos (MEC, 1998, p. 80),

[...] um dos aspectos fundamentais da prática de análise linguística é a refacção de textos produzidos pelos alunos. Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua.

Cabe aqui explicitar o conceito de reescrita sobre o qual se processará a nossa proposta de intervenção didática. Consideramos reescrita a atividade realizada pelo professor e aluno conjuntamente ou alunos e colegas em que parte-se da leitura da primeira versão do texto escrito para realizar um trabalho de reflexão interativa/dialógica sobre o discurso, aspectos internos e externos e a variedade padrão da língua e, conseqüentemente, a escrita de uma nova versão do texto. Essa ação implica, portanto, um trabalho de aperfeiçoamento do texto.

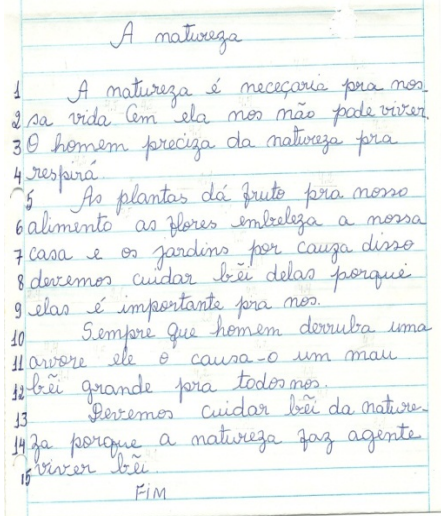
Tendo o professor se apropriado da concepção de linguagem na visão dialógica bakhtiniana, deverá ler e analisar cuidadosamente os textos dos seus alunos, questionando o que o texto diz e como diz. Os próximos passos são: definir os objetivos didáticos e as questões para as quais quer dirigir a reflexão da classe, buscando interpretar os seus sentidos e, posteriormente, convencê-los a autorizarem a exposição dos mesmos para a reescrita na sala de aula. Portanto, como um dos interlocutores do aluno, o professor torna-se coautor de sua produção ao corrigir, opinar, sugerir e orientar todo o trabalho.

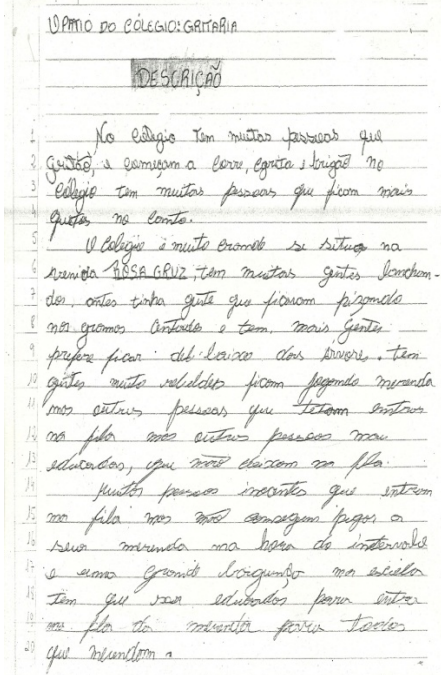
É importante que o professor converse em particular com cada aluno. Elogie o fato de terem escrito o texto. Informe que os escritores começam a escrever de forma natural e retoma os seus textos muitas vezes para aperfeiçoá-los. E que, uma vez pronto o entregam à editora para publicação e este passa novamente por outras correções, feita por especialistas para que fique adequado do ponto de vista linguístico e normativo. Só assim é que é impresso e, finalmente é editado como livro.

Feito isso, o professor deve dizer que gostaria de usar o texto em classe para passar algumas informações sobre o processo da escrita, mas que só o fará se houver autorização dele (aluno) que é o autor do texto. Se o aluno inicialmente se recusar insista mais um pouco dizendo o quanto é importante para a turma analisar um texto escrito por adolescentes como eles, já que apresentam ideias e também comprometimentos linguísticos semelhantes. Diga que se ele não quiser você não irá dizer que o texto é dele, dirá apenas que é de um aluno que estuda o mesmo ano.

Conseguida a autorização, para o próximo procedimento o professor deverá ampliar o texto o que pode ser feito facilmente obtido através da cópia do texto em cartolina ou papel *graft* ou mesmo através de recursos da multimídia (*datashow*). Em sala de aula, o professor, interlocutor efetivo dos alunos, fará perguntas a partir dos problemas nele encontrados.

Em relação aos textos, apresentados anteriormente o professor poderia fazer os seguintes questionamentos:

TEXTO 1	QUESTÕES	Probabilidade de reescrita do texto
	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Por que a natureza é necessária para nossa vida? ➤ Por que sem a natureza o homem não pode viver? ➤ Será que poderíamos juntar o primeiro com o segundo parágrafo? ➤ Por que ao derrubar uma árvore o homem causa um mal bem grande? ➤ De que maneira devemos cuidar da natureza? 	<p style="text-align: center;">A natureza</p> <p>A natureza é necessária para a nossa vida porque as plantas dão frutos para alimentarmos, dão oxigênio para respirarmos e as flores embelezam as nossas casas e outros ambientes. <i>(Caso os alunos queiram pode-se também falar da utilidade dos animais).</i></p> <p>Sempre que o homem derruba uma árvore ele causa um mal bem grande para todos nós porque nosso planeta precisa de todos os recursos naturais para sobreviver. Assim, devemos cuidar bem da natureza.</p>

TEXTO 2	Sugestões para aperfeiçoamento do texto	Probabilidade de reescrita do texto
	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fazer a apresentação e descrição do colégio no primeiro parágrafo. ➤ Iniciar o segundo parágrafo dizendo em qual momento ocorreram os acontecimentos. ➤ Substituir "pessoas" por "alunos". ➤ No 3º parágrafo fale da entrega da merenda e do comportamento dos alunos. ➤ Refaça a última frase do texto. 	<p style="text-align: center;">O pátio do colégio: gritaria</p> <p>O colégio onde estudo é muito grande <i>(pode acrescentar outras características, caso os alunos queiram)</i>. Ele se situa na Avenida Rosa Cruz, <i>(acrescentar bairro ou ponto de referência)</i>.</p> <p>Durante o intervalo é uma grande bagunça, pois muitos alunos gritam, correm e também brigam. Mas, também há alunos que ficam quietos em um canto do pátio.</p> <p>Durante a entrega da merenda tem alunos rebeldes e mal educados, que ficam jogando alimentos nos outros alunos que tentam entrar na fila. Estes, inocentes, não conseguem pegar a merenda.</p> <p>Todos têm que ser educados para participarem da merenda.</p>

A classe e, principalmente, o autor do texto responderá aos questionamentos propondo novas versões para os períodos e/ou parágrafos do texto, até que ele fique adequado.

Como vínhamos discutindo e sugerindo o processo da reescrita dever, inicialmente, dar uma maior ênfase ao discurso antes de fazer uma abordagem de questões gramaticais. Embora, a depender do desempenho da turma, o professor também poderá fazer essas correções no momento em que discute as questões e/ou sugestões para melhor o texto, quanto à organização do conteúdo.

Quanto aos aspectos gramaticais apresentaremos algumas sugestões de atividades que poderiam ser realizadas com o texto 1, no respectivo ano de estudo (sétimo ano do ensino fundamental) com intuito de minimizá-las, deixando claro que estas são apenas algumas das estratégias possíveis.

Sugestões de atividades

O texto “A natureza”, deixa evidente algumas dúvidas sobre aspectos gramaticais. Você deve reescrevê-lo por parágrafos, mas para isso fique atento às orientações abaixo.

Atividade 1

Vamos reler o primeiro parágrafo. Algumas palavras estão grifadas. Observe as palavras colocadas entre parênteses e reflita juntamente com o(a) seu(ua) professor(a): o parágrafo ficaria melhor se fosse reescrito com as novas palavras?

A natureza é neceçaria (ou *necessária*) pra (ou *para*) nossa vida. Cem (ou *Sem*) ela nos (ou *nós*) não pode (ou *podemos*) viver. O homem precisa da natureza pra (ou *para*) respirá (*respirar*).

Agora, reescreva o parágrafo, adequadamente. (*Deixar espaços abaixo*)

Atividade 2

Sabendo que o verbo deve concordar em número e pessoa de acordo com o seu sujeito, reveja o segundo parágrafo e faça, adequadamente, a concordância verbal. (*Deixar espaços abaixo*)

Atividade 3

No terceiro parágrafo do texto, o autor deixa evidente algumas dúvidas: a) ele não atribui valor semântico/sintático aos pronomes oblíquos utilizados; b) usa a palavra “mau” (adjetivo, contrário de “bom”) ao invés de “mal” (advérbio de modo, usado como contrário de “bem”); c) escreve ortograficamente incorreto a palavra “bem” e d) omite a acentuação do pronome “nós”.

Agora, reescreva todo o período que constitui o terceiro parágrafo, conforme as novas orientações do seu professor: (*Deixar espaços abaixo*).

Atividade 4

Sente junto de um colega da classe e leiam o seguinte parágrafo do texto:

“Devemos cuidar beij da natureza porque a natureza faz agente viver beij”.

Agora reescrevam o parágrafo fazendo as devidas correções nas palavras grifadas. Você também poderá modificar uma das palavras repetidas. (*Deixar espaços abaixo*)

Considerações finais

De posse dos textos reescritos, o professor poderá combinar com os alunos de expô-los no mural coletivo da escola para divulgação e conscientização dos demais colegas seja acerca dos cuidados com a natureza, seja com o comportamento durante o intervalo e a entrega da merenda no colégio. Poderá, também, organizar uma coletânea de textos que fará parte do material de leitura da sala.

Conforme expomos, torna-se indiscutível, assim, a função mediadora do professor desencadeando ações pedagógicas interativas com produtividade. Os alunos mais ativos, mais competentes e com um olhar mais crítico sobre sua própria produção textual e, assim, ampliam os conhecimentos, resolvem as dúvidas, buscam soluções, raciocinam enfim, sobre o funcionamento da língua.

A partir daí os professores deverão construir uma prática consistente de situações didáticas com discussão e reescrita coletiva de textos, propiciando atividades que explorem a compreensão e produção de textos, de variados gêneros orais e escritos, retomando e ampliando os conteúdos estudados ao longo dos anos de escolarização até que os alunos consigam ler e produzir textos com autonomia.

Até aqui procuramos mostrar recortes de análises e resultados ainda parciais da nossa pesquisa em andamento. Discussões e análises sobre outros aspectos e novos textos, que não cabe mencionar aqui por fugirem à temática desta exposição, serão abordadas em outras comunicações.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Maxismo e filosofia da linguagem**. 11 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

_____. **Estética da criação verbal.** Introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov . 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção Biblioteca Universal).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Língua Portuguesa, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

CALIL, Eduardo. Os efeitos da intervenção do professor no texto do aluno. **Leitura:** teoria e prática, v. 19, nº 15, dez, 2000, p. 53-57.

COLELLO, Sílvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GARCEZ, Lucília. **A escrita e o outro:** os modos de participação na construção do texto. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1998.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem. In: GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula:** leitura e produção. Cascavel: ASSOEST, 1984.

_____. **Portos de passagem.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Trad. José Cipolla Neto, et al. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e Linguagem.** Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZACCUR, E. (org.) **A magia da linguagem.** Rio de Janeiro: PD & A/SEPE, 1999.